

FACULDADE PAULISTA DE ARTES
CURSO DE MUSICOTERAPIA

VISUALIDADE NA MUSICOTERAPIA:
Um estudo sobre os olhares...o visível e o invisível

FABIANE MAYUMI SHIMOZE

São Paulo

2012

FACULDADE PAULISTA DE ARTES
CURSO DE MUSICOTERAPIA

VISUALIDADE NA MUSICOTERAPIA:
Um estudo sobre os olhares...o visível e o invisível

FABIANE MAYUMI SHIMOZE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em Musicoterapia, da Faculdade Paulista de Artes, sob a orientação da Profª. Silvia Cristina Rosas e co-orientação da Profª. Lilian Coelho.

São Paulo

2012

BANCA EXAMINADORA

DEDICATÓRIA

Ao meu avô, Tadashi (in memoriam), que me ensinou sobre a vida, sobretudo a família e o eterno amor e gratidão que devemos ter por ela, pois é a única que vai permanecer em todos os momentos, sejam eles ruins, sejam eles de felicidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

À minha família, por sempre estarem ao meu lado, cada um à sua maneira. Especialmente à minha mãe, que por mim fez o impossível, me estimulando a continuar nessa luta até o fim.

À Keisy Isamu, pelo amor, paciência, ajuda e companhia.

Aos meus amigos, por me apoiarem, compreenderem minha ausência, e, principalmente, pelo carinho.

À Saniy e Daniela, pelo apoio e compreensão manifestados sempre.

Aos meus colegas de curso, Marilia Prado, Antônio Carlos e Lucia Tsukamoto, por todas as experiências, angústias e momentos divididos, expresso meu orgulho em ser 25% dessa família.

Às professoras Silvia Rosas e Lilian Coelho, pela orientação e elaboração do trabalho, e à todos os professores que me acompanharam durante esses quatro anos.

Às musicoterapeutas Daiane Pazzini Marques, Helena Peters; e professora Márcia Maurilio Souza, pela colaboração com as imagens deste trabalho.

*“Renda-se, como eu me rendi.
Mergulhe no que você não conhece, como eu mergulhei
Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.”
(Clarice Lispector)*

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo abrir um campo de possibilidades da visualidade na musicoterapia. Discute, à primeira instância, sobre a diferença entre ver e olhar. Aborda a relação da subjetividade nesta dinâmica, apresentando a liberdade, consciência, emoções e experiências pessoais como fator movimento do olhar. Trata sobre o caráter multifacetado da percepção do musicoterapeuta, menciona a percepção musical, visual, corporal, de si e do paciente, a escuta e a musicalidade clínica, para melhor compreensão do olhar na atuação do musicoterapeuta. Revela os olhares que se manifestam no contexto de um atendimento e expõe imagens para exemplificar e ilustrar esse diálogo. O estudo aponta o olhar como um caminho de abertura para a visualidade na musicoterapia e enquanto potência do atendimento clínico; que se exprime de forma inesgotável, sustentando, significando, envolvendo ou fortalecendo a relação que existe entre manifestações sonoras, musicoterapeuta e paciente.

Palavras-Chave: visualidade, olhar, subjetividade, musicoterapia.

ABSTRACT

The present study aims to open up a field of possibilities of visuality in music therapy. Discusses, at first instance, about the difference between seeing and looking. It addresses the relationship of subjectivity in this dynamic, presenting freedom, consciousness, emotions and personal experiences as movement factor of the look. Treats about the multifaceted character of the perception of music therapist, mentions musical perception, visual, corporal, of himself and the patient, the listening and the clinical musicality, for better understanding of the looking in the role of music therapist. Reveals the looks that exhibit in the context of a care and exposes images to illustrate and exemplify this dialogue. The study indicates the look as an opening way to the visuality in music therapy and whereas potency in clinical care; which is expressed so inexhaustible, sustaining, meaning, involving or strengthening the relationship between manifestations of sound, music therapist and patient.

Keywords: visuality, look, subjectivity, music therapy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O OLHAR	11
1.1 SUBJETIVIDADE DO OLHAR	14
2 PERCEPÇÃO DO MUSICOTERAPEUTA	17
3 VISUALIDADE NA MUSICOTERAPIA.....	21
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
5 REFERÊNCIAS	39
ANEXO 1.....	43

INTRODUÇÃO

Quando comecei o curso de musicoterapia ouvi a seguinte frase de um professor: “Esse curso mobiliza muito, vocês vão perceber.” Isso ficou gravado para mim como uma espécie de aviso sobre o quanto me aguardava e que eu não iria simplesmente sentar e escrever.

Senti mudanças a partir do 3º Semestre, com o início das aulas com vivências; em especial as aulas de Sensibilização Corporal em Musicoterapia.

Nas vivências eram trabalhados aspectos como expressão corporal e emoções, algo que no início foi extremamente difícil, pelo menos para mim, realizar sem relutância. Aos poucos, com o decorrer das aulas e os temas trabalhados, fui compreendendo minhas próprias questões e percebendo o quanto isso era importante e fundamental na minha formação. Foi proporcionado a mim um autoconhecimento que, além de apontar aspectos pessoais, mostrou o quanto isso era essencial para poder ser capaz de ajudar as pessoas, para poder ser musicoterapeuta.

Algo que chamou muito a minha atenção foi o autoconhecimento alcançado por meio dos sentidos. De todos os sentidos trabalhados, o olhar movimentou vários aspectos subjetivos, modificando situações e principalmente minha maneira de ver e perceber o mundo. Descobri uma visualidade que não percebia existir, passei a entender os fatos buscando pelo olhar, não somente olhando com atenção, mas também e principalmente, explorando um olhar interno e modificando a qualidade da minha visão. Essa qualidade não ficou relacionada somente com o meu olhar em si, mas se transformou num questionamento sobre todos os aspectos.

Partindo deste pensamento, este estudo busca abrir o campo da visualidade na musicoterapia, apontando o olhar enquanto potência de leitura e ação no contexto dos atendimentos.

No primeiro capítulo é discutida a dinâmica do ver e do olhar, tornando clara a ação de cada um, enfatizando o olhar e suas formas de interpretação e enunciando a subjetividade como fator movimento que o diferencia da ocorrência do ver.

No segundo capítulo é abordada a percepção do musicoterapeuta, indicando um caráter múltiplo que envolve a percepção musical em si, a percepção visual, corporal, a percepção do paciente e de si, a escuta e análise das produções sonoras e a musicalidade

clínica; a fim de uma melhor compreensão do movimento do olhar na atuação do musicoterapeuta.

E, por fim, no terceiro capítulo são expostos os olhares que subsistem neste contexto, exemplificados e ilustrados por meio de imagens, enunciando uma relação entre os olhares do musicoterapeuta e do paciente, abrindo um diálogo, que envolve e exprime de maneiras inesgotáveis o som e todo seu espectro.

1 O OLHAR

[...] para que o objeto possa existir em relação ao sujeito, não basta que este sujeito o envolva com o olhar [...] é preciso que saia do constituído, daquilo que é em si [...] é preciso ainda que ele saiba que o apreende ou o olha, que ele se conheça apreendendo ou olhando, que seu ato seja inteiramente dado a si mesmo (PONTY, 1999, p. 318).

Para dar início a este estudo, discorreremos brevemente sobre a dinâmica visão¹-olhar, dialogando sua contextura e evidenciando o olhar, significando sua ação, potência e espaço.

Cardoso (1988, p. 348) apresenta a visão enquanto produção da “conjunção de um espectador e de algo visível”, ou seja, o ato de ver acontece entre sujeito e a observação deste a um objeto², com efeito de registro das coisas para jurisdição do conhecimento. Assim, supõe-se de um campo visual³ de caráter rijo e alcance circunscrito, como se o olho “renunciasse a sua própria espessura e profundidade para reduzir-se a esta membrana sensível em que o mundo imprime seus relevos”.

O que a visão oferece é uma concepção pronta, imposta pelos olhos de forma ingênua e superficial, pelo fato de não adentrar tão profundamente numa informação recebida; por conseguinte, mais acumula do que questiona. Logo, a visão se manifesta meramente como um dos caminhos por onde o mundo existe, ainda que não totalmente, para o sujeito.

Para que a ocasião da revelação completa ou, pelo menos, inquiridora do mundo aconteça, é essencial que o sujeito exerça sua capacidade de buscar e se inserir, o quanto for necessário, para descobrir a amplitude daquilo que se vê. Quando vemos um objeto, fixamos nele nosso olhar para tê-lo à margem do campo visual. Fixar um objeto tem o sentido de agrupar informações para poder do conhecimento, como um primeiro ato da busca. Mas essa fixação da visão não cessa nesse termo, ela é apenas um aspecto do seu movimento, de modo que continua no interior do objeto a exploração anterior, concedendo a ele uma atenção votada (PONTY, 1999, p. 104).

Segundo Ponty (1999, p. 321), esta manifestação é indivisivelmente prospectiva⁴, pois o objeto está no termo do movimento de fixação, e retrospectiva, já que se apresenta como anterior à sua aparição, como o estímulo, o motivo ou o primeiro motor de todo o processo.

¹ Aqui não se destaca a visão em detalhes do seu funcionamento fisiológico. Dada a intenção do diálogo entre a visão e o olhar, para fins deste estudo, visão e ver são empregados com a mesma conotação.

² [Lat.med.*objectu.*] sm. 1. Tudo que é perceptível por qualquer dos sentidos. Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa. – 8ª ed. – Curitiba: Positivo, 2010.

³ HUSSERL apud MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, pp. 26-27

⁴ adj (lat *prospectivu*) Que faz ver adiante ou ao longe. Var: prospetivo. Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos Ltda, 2007

Ao parar no mesmo objeto e percorrê-lo com o pensamento, refletindo e interrogando suas características, estamos defronte com a posição da totalidade, de encontro com o olhar.

O universo do olhar tem uma consistência totalmente mutável, não se apoia sobre uma paisagem e ali permanece, mas se integra nos “interstícios de extensões descontínuas, desconcertadas pelo estranhamento” (CARDOSO, 1988, p.349). Assim, os olhos ficam constantemente em face de limites, lacunas e divisões, rompendo o domínio singelo antes oferecido à visão.

Portanto, aqui podemos discernir a visão do olhar e tornar evidente as ações particulares de cada um. A visão se apresenta como o que é superficial e imediato, com propósito de tomar conhecimento de que algo existe. O olhar é o ato de observar, apreciar, entender, remete a uma reflexão. A visão se faz involuntária⁵, e o olhar, deliberado e completamente intento, de modo que “segmentam-se, sub-repticiamente⁶, [...] pois dobra-se de um lado a percepção à soberania do mundo e, de outro, tudo se concede aos poderes do sujeito⁷”.

Tiburi (2005) aponta a imediaticidade⁸ como uma característica que torna o ver uma ação objetiva. Para a autora, ver é reto, sintético e imediato, enquanto o olhar é sinuoso, analítico e mediado. A simples visão presume e expõe um campo de significações, e o olhar – necessitado, inquieto e inquiridor – as deseja e procura⁹. Enquanto visão, o sujeito é meramente um receptor de estímulos. Já no olhar existe um interesse particular, uma busca direcionada.

Logo, podemos dizer que o olhar é o viés da percepção que mais depende da nossa ação, pois sua qualidade¹⁰ está diretamente relacionada com o querer.

Sobre esse vínculo, Ponty (2000, p. 19-20) afirma que:

[...] olhando ativamente, despertando para o mundo, não se pode assistir a ela [percepção] como espectador. Não é síntese, mas metamorfose pela qual as aparências são instantaneamente destituídas de um valor que possuíam unicamente em virtude da ausência de uma percepção verdadeira. Assim, a percepção nos faz assistir a este milagre de uma totalidade que ultrapassa o que se acredita serem suas condições. [...] é preciso que a percepção guarde, no fundo de si, todas as relevâncias corporais dela: é olhando, é ainda com meus olhos que chego à coisa verdadeira.

⁵ Visão que não questiona sobre os objetos.

⁶ [Lat. *subrepticu.*] *adj.* 2. Feito às ocultas; furtivo. Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos Ltda, 2007.

⁷ Ibidem, p. 348.

⁸ Segundo a autora, imediaticidade da ação imediata do ver, do modo instantâneo que é realizado, não conferindo medida nenhuma de temporalidade.

⁹ Ibidem, p. 349.

¹⁰ Qualidade relacionada com a quantidade de informações absorvidas, com o questionamento empregado sobre determinado objeto.

E Chauí (1988, p. 33) complementa que “[...] a visão se faz em nós pelo fora e, simultaneamente, se faz de nós para fora, olhar é, ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si”, constituindo o elo “entre nós e o mundo, entre nós e os outros” com a capacidade de pôr em questão toda a realidade” (NOVAES apud COELHO, 2006a, p. 24).

Podemos, portanto, pronunciar o olhar enquanto “potência de alcançar as coisas” (PONTY, 1999, p. 374), compreendendo o poder do conhecimento mais profundo por meio de questionamentos, e também se tornando capaz de abarcar e permitir diversas ações, além daquelas que lhe pertencem por características físicas, pois a palavra em si – olhar – é empregada com caráter de multiplicidade.

Uma das formas é quando relacionamos o olhar com os outros sentidos para ter a possibilidade de dar mais riqueza, ênfase ou complementar o que um determinado sentido por si só não é capaz de representar. O olhar os “resume e ultrapassa porque os realiza naquilo que lhes é vedado pela finitude¹¹ do corpo, a saída de si, sem precisar de mediação alguma, e a volta a si, sem sofrer qualquer alteração material” (CHAUÍ, 1988, p.40).

É com frequência que dizemos olhe ao invés de escute, ou então, olhe como cheira bem, olhe como é duro; atribuindo ao olhar um poder de total experiência que passa pelos sentidos, que se apossam dele quando buscam um conhecimento qualquer.

Outra tradução possível do olhar sucede quando atribuímos adjetivos ao olhar, comunicando estados de humor ou valendo por um ato: olhar displicente, ansioso, acolhedor, indiferente, compreensivo, inocente, triste, cruel, sensual, doce, tímido, consciente, decidido, agressivo, arbitrário, frio, quente, duro, caricioso, ríspido [...] (CHAUÍ apud BASTOS, 2005; BOSI, 1988).

Podemos ainda compreender o olhar como olhar crítico, ponto de vista, como aspecto dos olhos que oferecem o estado de saúde da pessoa, como mau olhado, como se os olhos tivessem o poder de causar algo de ruim, ou ainda como perspectiva ou fazendo referência ao passado, quando dizemos não olhe para trás.

O olhar abrange muito mais daquilo que lhe é prometido por sua função fisiológica¹², se realiza enquanto potência de comunicação, pois “exprime e reconhece forças e estados internos, tanto no próprio sujeito, que deste modo se revela, quanto no outro, com o qual entretém uma relação compreensiva” (BOSI, 1988, p.77). Compreende, significa e enfatiza

¹¹ [lat *finitu+itude*] 1 *Filos* Caráter, qualidade do que é finito. Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos Ltda, 2007.

¹² Os olhos funcionam como órgãos de conversão seletiva do estímulo luminoso [...]. A luz, proveniente de um objeto de interesse, atravessa os meios transparentes do olho e chega à retina. Aí, ela é convertida em impulsos elétricos, que são levados ao córtex occipital através dos nervos e vias ópticas. No córtex, os impulsos são decodificados na forma de uma impressão visual (RAMOS, 2006).

ações de outros sentidos, concedendo um mundo e expressões em posição de totalidade, onde o sujeito dispõe de participação completamente ativa para este resultado.

1.1 SUBJETIVIDADE DO OLHAR

“A diferença se encontra no lugar onde os olhos são guardados. Se os olhos estão na Caixa de Ferramentas, eles são apenas ferramentas que usamos por sua função prática. Com eles vemos objetos, sinais luminosos, nomes de ruas – e ajustamos a nossa ação. O ver se subordina ao fazer. Isso é necessário. Mas é muito pobre. Os olhos não gozam... Mas quando os olhos estão na Caixa dos Brinquedos eles se transformam em órgãos de prazer: brincam com o que veem, olham pelo prazer de olhar, querem fazer amor com o mundo” (ALVES, 2004).

No item anterior pudemos observar a dinâmica da visão e do olhar, observando as características e o que cada um compreende. A seguir discutiremos de forma mais profunda no que implica a capacidade volitiva¹³ e inquiridora do sujeito, apontada como um fator importante e ativo na produção da qualidade e riqueza de conhecimento.

Podemos organizar tal pensamento interpretando a visão enquanto conhecimento objetivo, como “aproximação meramente racional da realidade”, totalmente preenchida pelo objeto e o olhar enquanto consciência, aqui entendida como envolvimento crítico, um “saber que se sabe”, onde “saber, agir e sentir são indissociáveis”. (AMATUZZI, 2006, pp. 93-94).

Este movimento da consciência implica na nossa relação com o mundo, pois existem certas coisas que são de tal natureza que não podemos aproximar delas somente com o intelecto. Há uma experiência pessoal e subjetiva do objeto ou não há entendimento verdadeiro algum. Quanto mais o sujeito se envolve mais se transforma numa unidade integrada, de forma a interagir criativamente com o mundo. Logo, a subjetividade subsiste na condição da liberdade do uso das próprias ideias sobre qualquer fato, revelando a autonomia do sujeito, operando com qualidades e relações, dando a possibilidade de avaliar as experiências e conhecimentos e elaborá-los.

No âmbito da subjetividade entrelaçam-se os gostos pessoais, as relações sociais, sentimentos, características da personalidade, cultura e história do sujeito. É o âmago mais profundo da experiência, onde pensamento, sentimento e decisão estão ligados, capaz de representar aquilo que é necessário e verdadeiro.

Portanto, podemos dizer que o olhar está repleto de questões singulares, manifestando sua subjetividade enquanto uma qualidade sensível do sujeito, como atitude de curiosidade ou

¹³ [Lat.med. *volitivu.*] *adj.* Relativo à volição ou à vontade. Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa. – 8ª ed. – Curitiba: Positivo, 2010.

de observação. Ela aparece quando, ao invés de permanecer somente no conhecimento objetivo, voltamos para este próprio olhar e perguntamos o que vemos exatamente. É a resposta a um certo questionamento do olhar, o resultado de uma visão secundária ou crítica que procura conhecer-se em sua particularidade. (PONTY, 1999. p. 305).

Para Sacks¹⁴ (2001), o olhar “não se limita a olhar o visível, mas também o invisível”, onde o invisível caracteriza as particularidades do objeto que saltam para o sujeito assim que ele passa a usar da sua própria reflexão. O autor também destaca que “o que vemos é constantemente modificado por nossos anseios, nossos desejos, nossas emoções e pela cultura”, ou seja, pela própria subjetividade.

Sobre esse contexto Descartes (apud MÜLLER, 2001) interpreta:

[...] ainda que habitada por nossas experiências, nossa subjetividade está imbuída de uma capacidade para refletir aquilo de que ela não pode ser a causa. O que faz dela um poder de “representação” do necessário ou, se quiser, o meio sem o qual o conhecimento do necessário não seria possível.

Um olhar automático anula essa busca do sujeito pelo conhecimento, por novas - ou devemos dizer autênticas – realidades do objeto visto. E se não há busca, não podemos então significar o sujeito enquanto “um ser de ação e de vivências” (DENTZ, 2008, p. 298). Permanecer no conhecimento puramente objetivo faz com que se perca a consciência de si, a autonomia humana para explorar possibilidades que são oferecidas, abertas para serem percorridas e envolvidas.

Sendo o olhar permeado pela subjetividade, se torna evidente, então, que cada sujeito parte da sua ideia, opinião, pensamento e experiência para tal ação. Para Perrone-Moisés (1988, p. 327), “essa particularidade condiciona também sua visibilidade [do sujeito] como corpo diferente dos outros”. Portanto, essa atenção dedicada ao olhar, além de ser uma forma de manifestação da autoconsciência e liberdade, também é uma corroboração do sujeito, uma “existência por si mesmo” (BAVCAR¹⁵, 2001). Por conseguinte, podemos dizer que esse olhar que faz desejar, que leva à reflexão das coisas, é transportado para o âmago do sujeito, revelando, não somente na visão, mas também na vivência, um sujeito enquanto ser ativo e pensante.

Logo, podemos dizer que a subjetividade do olhar entrega, de imediato, à atividade e às virtudes do sujeito e testemunha a cada passo nesta ação a espessura da sua interioridade. Ele perscruta, questiona a partir e para além do visto e parece prover sempre da necessidade

¹⁴ Retirado do documentário Janela da Alma (2001).

¹⁵ Ibidem.

de ver novamente – ou ver o novo – com o desígnio de olhar bem. Por isso, é sempre direcionado e atento, como se surgisse “da profundidade aquosa e misteriosa do olho para interrogar e iluminar as dobras da paisagem que, frequentemente, parece representar um mero ponto de apoio da sua própria reflexão” (CARDOSO, 1988, p. 348).

[...] o olhar vem entrelaçado numa rede de interioridades vividas, sentidas, imaginadas. Cada olhar traz uma história, uma lembrança, uma dúvida, uma presença que declara e vela o seu verdadeiro sentido. Num enovelamento de mistérios, a diversidade do olhar: o brilho do olhar apaixonado, a interação do olhar afetoso, a angústia do olhar desesperado, o medo do olhar do desconhecido, o olhar que liberta, que censura, que oprime, que acolhe, que amedronta, que despreza [...] (LIMA, 2006, p.85)

2 A PERCEPÇÃO DO MUSICOTERAPEUTA

Dando continuidade a este estudo, discutiremos sobre a percepção do musicoterapeuta. O assunto será abordado para melhor compreensão do movimento do olhar na atuação clínica.

Para tanto, se faz necessário o entendimento da percepção em si, para posteriormente aplicar na dinâmica da musicoterapia.

Segundo o dicionário Michaelis¹⁶ (2007), a percepção é o “ato ou faculdade de perceber”. É a interpretação de uma situação objetiva baseada em sensações¹⁷, acompanhada de representações e frequentemente de juízos (PONTY, 1999, p. 61). Assim, (informação verbal)¹⁸ a sensação se manifesta como o material primeiro de elementos necessários para o conhecimento, para a percepção. Neste processo, acrescentamos aos dados fornecidos pelos órgãos dos sentidos, elementos da memória e do raciocínio. De modo que a percepção de um objeto¹⁹ ou fenômeno é resultado de uma síntese de sensações das suas características, implicando numa série de conhecimentos constituídos por representações e conceitos, permitindo apreender seus significados, não se organizando pela simples justaposição e sucessão de sensações.

Na musicoterapia essa percepção se encontra no território das complexidades, pois traz consigo a música com todo seu espectro silêncio – som – estruturas sonoras como ferramenta. E se faz indispensável indicar que em musicoterapia, todas as formas sonoras podem ser consideradas potência para significação (CAREER, 2007, p.16)

Barcellos (apud PIAZZETTA, CRAVEIRO DE SÁ, 2006) aponta a música como um caminho que o musicoterapeuta pretende o desenvolvimento do paciente²⁰, por meio de relações interativas no fazer musical. De maneira que o musicoterapeuta compreende o paciente por meio de suas manifestações sonoras e a partir disto, estabelece uma “ação musical, corporal, sonora e verbal” (PIAZZETTA, 2010, p. 62) compartilhada por ambos.

¹⁶ Disponível em: <[%E7%E3o>.](http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=percep) Acesso em: 11 nov. 2012.

¹⁷ A sensação é um fenômeno psíquico elementar, que resulta da ação da luz, do som, do calor sobre os nossos órgãos dos sentidos. As sensações podem ser divididas principalmente em externas – refletem as propriedades e aspectos isolados das coisas e fenômenos que se encontram no mundo exterior, originando-se dos receptores ou órgãos dos sentidos, incluindo as sensações auditivas, visuais, gustativas e táteis; – e internas – refletem os movimentos de partes isoladas do nosso corpo e o estado dos órgãos internos, tendo seus receptores localizados nos músculos, tendões e na superfície dos órgãos; englobando as sensações motoras, de equilíbrio e orgânicas (ou proprioceptivas).

¹⁸ Informação fornecida pela Profª Silvia Rosas, em sala de aula na Faculdade Paulista de Artes em setembro de 2011.

¹⁹ Aqui empregado como: [Lat.med.objectu.] sm. 1. Tudo que é perceptível por qualquer dos sentidos. Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa. – 8ª ed. – Curitiba: Positivo, 2010.

²⁰ Em musicoterapia, o termo paciente é utilizado na área médica, cliente na área corporativa, usuário na área social e educando na área da educação.

Logo, a música enuncia-se enquanto abertura e flexibilidade para “o emergir de sentidos e significados; como o lugar onde as transformações acontecem”²¹.

A produção ou manifestação sonora do paciente é arraigada de preferências rítmicas, melódicas ou por determinados instrumentos; de acordo com os timbres, formas, texturas e temperaturas (BARCELLOS, 2009, p.139). Para Bruscia (2000, pp. 24-25), “[...] os clientes criam sons para explorar e expressar sentimentos”, construindo um caminho onde se estabelece contato e comunicação com o outro e relações intrapessoais, envolvendo também expressão de sentimentos e progressão de habilidades musicais e não musicais.

Assim sendo, a percepção do musicoterapeuta reúne:

- A percepção musical em si – compreendendo a “identificação de notas, escalas, harmonia, ritmo, timbres, instrumentos, expressividade, estrutura e contexto da música” (GROSSI apud BARBOSA, 2008, p. 21) e todo o campo das sonoridades.
- A percepção visual – envolve o espaço e deslocamento no setting, instrumentos musicais e objetos sonoros e suas formas: tamanho, volume, maneira como são colocados no setting musicoterapêutico – incluindo a ordem relacionada ao tamanho, timbre ou, ainda, sobrepostos (SANTOS, 2011, pp. 29-32)
- A percepção corporal – expressão facial, praxia instrumental, expressão corporal do paciente. Podem indicar estado de saúde e pronunciar vontades e disposição do paciente por meio de gestos e movimentos. Subsistem como um caminho por onde o musicoterapeuta observa as possibilidades da terapia, isto é, a intervenção a ser feita diante da expressão manifestada.
- A percepção do paciente – queixa, diagnósticos, história de vida, relações afetivas, personagens sociais, entorno do discurso do paciente. O conhecimento e estudo destes aspectos podem auxiliar o musicoterapeuta a obter uma visão global em relação ao paciente, de maneira que esses detalhes sejam incorporados e considerados no atendimento.
- A percepção de si – presença da relação vincular com o paciente e preparo da sessão num contexto de antecipação dos eventos que irão surgir. Visto que para ser capaz de compreender e auxiliar o paciente, o musicoterapeuta necessita estar ciente de si, daquilo que abrange seus limites e suas características. Por

²¹ Ibidem, p. 65.

consequente, isso se faz presente na sua visão teórica²², na escolha do público a ser atendido e na forma de atuação.

Todos esses fatores que cercam a percepção do musicoterapeuta são movimentados e significados por dois aspectos fundamentais: a escuta musicoterapêutica e a musicalidade clínica.

No que concerne às competências do musicoterapeuta, Bruscia (apud BARCELLOS, 2009) enfatiza a escuta e compreensão das experiências musicais²³, pois “é na construção da escuta musical e clínica que os sentidos e significados, únicos de cada experiência, tornam-se visíveis ao musicoterapeuta e seus clientes” (PIAZZETTA, s/d).

A escuta musicoterapêutica se apresenta em um campo extenso de significações, de maneira que não relaciona apenas o sentido óbvio da audição. Segundo Coelho (2006b), não há um fato de origem da escuta, mas sim “passagens que se dão entre as percepções”.

Ao observar a produção sonora de um paciente, não estamos somente ouvindo os sons, mas também como estão sendo feitos, isto é, os meios utilizados – instrumentos, corpo, ruídos, voz - o corpo do paciente ao tocar bem como o sentido que ele atribui a essa produção (BRUSCIA apud BARCELLOS, 2009), implicando em um “escutar a escuta musical²⁴” do paciente. Logo, os órgãos dos sentidos tendem para um movimento híbrido, musical e clínico, onde permeiam as “visualidades, corporalidades, sonoridades e vocalidades” (COELHO apud PIAZZETTA e QUEIROZ, 2008).

Todo o material gerado por esse movimento produz, necessariamente, uma análise dessa totalidade, possibilitando “visibilidade e concretude aos trajetos da escuta” (COELHO, 2006b), transformando seus dados em registros com o objetivo de fazer um acompanhamento do processo do paciente; observando possíveis mudanças e evoluções. A constituição da análise musicoterapêutica se faz por meio de “composição de análises de qualidades distintas: da arte – análises musicais e fluxos da escuta, da filosofia – questões da vida e da ciência – metodologia de análise investigativa²⁵”, dada a natureza múltipla da produção sonora e o espaço de relações que subsiste neste sentido.

Essa manifestação complexa da escuta – e, por conseguinte, da análise – acontece em conjunto com a musicalidade clínica. O termo musicalidade provém da abordagem Nordoff-

²² Teóricos da musicoterapia que são tomados como base para uma linha de atendimento.

²³ “Essas experiências podem ser apresentadas com ênfase em diversas modalidades sensoriais, com ou sem discurso verbal, e em várias combinações com outras artes. [...] a experiência pode ser descrita como pré-musical, extra-musical, paramusical ou não-musical.” (BRUSCIA, 2000, pp. 24-25).

²⁴ PIAZZETTA; CRAVEIRO DE SÁ, 2005, p.1296.

²⁵ Ibidem.

Robbins e consiste, para todo ser humano, na existência inata de uma sensibilidade para a música e seus vários elementos (NORDOFF & ROBBINS apud PIAZZETTA e CRAVEIRO DE SÁ, p. 4). Essa sensibilidade se realiza numa resposta às experiências musicais onde se descobre “significado e interesse²⁶”.

Neste sentido, o musicoterapeuta precisa ter a percepção da sua própria musicalidade, envolvendo autoconhecimento e levando à reflexão da sua relação particular com a música²⁷, e da musicalidade do paciente, num contexto de “capacidade e habilidade para fazer música de acordo com a necessidade e condição do paciente a fim de estabelecer e manter uma interação musical verdadeira, congruente e comprometida com o processo clínico de tratamento” (NORDOFF & ROBBINS apud TOCANTINS, 2000).

Podemos, então, observar um caráter perceptivo multifacetado, tendo em vista a “característica interdisciplinar e híbrida da musicoterapia” (CHAGAS apud COELHO, 2006b), envolvendo a compreensão do silêncio, da escuta centrada e intencional e sua análise, bem como a importância da musicalidade clínica nesse movimento.

²⁶ Ibidem.

²⁷ Ibidem.

3 VISUALIDADE NA MUSICOTERAPIA

Olhar atento, inquiridor, respeitoso, indiferente, cruzado, (com)partilhado, terno, desejoso, suplicante, expressivo, padrão, perdido, compreensivo, aterrorizado, dominador, sublime, estranho, alienado, amoroso, narcísico, olhar-ponta-de-bengala, olhar interior, profundo, penetrante, auscultante [...] olhar vivaz, fugaz, pueril, infantil, inocente...olhares! [...] olhar d'água, marejado, olhar de peixe morto; de soslaio, de esguelha, olhar que fuzila, olho mecânico, biônico, eletrônico, olho grande n'olho do furacão, olhos no retrovisor, olhos no horizonte, luz, escuridão, crepúsculo, olhos cabisbaixos, altaneiros, olhos nos olhos. (BIANCHETTI, 2002, p. 2).

Como um viés para abrir o campo da visualidade na musicoterapia, apresentaremos a seguir a dinâmica dos olhares que se manifestam no contexto de um atendimento.

O olhar se enuncia enquanto potência de leitura das ações do musicoterapeuta, que alcança, “envolve, apalpa e esposa as coisas visíveis” (PONTY, 2000, p. 130). Sustenta uma dinâmica entre paciente, musicoterapeuta, produção ou manifestação sonora, compondo uma relação de aproximação, fluência, comunicação, prosseguimento e envolvimento. Ponty (1999, p. 14) salienta que essa percepção não é finita; uma vez que é aberto esse diálogo, se envolve e se exprime de maneiras inesgotáveis.

Os olhares subsistem como:

A) Olhar no setting – o setting se refere à disposição dos instrumentos e à preparação do ambiente em que será realizada a sessão. O olhar implica na maneira que o musicoterapeuta está pensando a intervenção, simbolizando um cuidado relacionado com a escolha dos instrumentos e as possibilidades²⁸ do paciente e do próprio setting. Reflete ainda sobre a subjetividade implícita no olhar que o paciente pode ter sobre o setting, isto é, no impacto visual causado pela disposição dos instrumentos, na predileção de um instrumento, no local escolhido para se situar diante das alternativas propostas pelo espaço ou ainda um olhar que denota curiosidade, dismantelando um instrumento com o propósito de apreciar, avaliar ou tomar conhecimento (Figura 1, Figura 2, Figura 3).

²⁸ Aqui aplicadas enquanto condições globais do paciente. Levando também em consideração o objetivo da sessão.



Figura 2.
Imagem cedida e autorizada pela musicoterapeuta Daiane Marques, acervo pessoal.

Nesse setting (Figura 2), os instrumentos estão mais agrupados e dispostos em formato de meia-lua, convidando o olhar do paciente a investigar os instrumentos do lado de dentro do setting, desdobrando-os (PONTY, 1999, p. 104). Essa estrutura sugere uma comunicação consigo mesmo, levando a um certo questionamento do olhar, numa ação de curiosidade, observação ou reflexão.³⁰ No setting abaixo (Figura 3), nota-se uma disposição dos instrumentos que não obedece a nenhuma ordem ou padrão, colocados no centro e envolvidos pelas almofadas dispostas em círculo. Diferente do setting acima (Figura 2), que convida o olhar do paciente a um diálogo com os instrumentos; este (Figura 3) conduz a um possível diálogo entre os olhares – do paciente para o instrumento, entre os participantes, como se deslizassem pela superfície habitada pelos instrumentos³¹.



Figura 3.
Imagem cedida e autorizada pela musicoterapeuta Daiane Marques, acervo pessoal.

³⁰ Ibidem, p. 305.

³¹ Ibidem, p. 212.

B) Olhares da relação paciente-musicoterapeuta – é repleto de “complexidades e singularidades” (BASTOS, 2005, p.19). Muitas vezes essencial no estabelecimento do vínculo, como se o olhar pudesse envolver a interioridade, tanto do paciente quando do musicoterapeuta, numa relação de movimento que capta a essência e intenção de um gesto e aquilo que o olhar do outro diz, ou seja, que busca comunicação. O olhar do musicoterapeuta é um olhar que ouve, capaz de enxergar os sons e qualidades potenciais do paciente. Um olhar atento, respeitoso, expressivo, amoroso, numa relação de cuidado para com o paciente. E neste contexto também comparece um olhar dominador; como se o olhar do musicoterapeuta tivesse o poder de cessar ou controlar uma ação do paciente (Figura 4)

Nessa imagem (Figura 4), podemos observar os olhares (musicoterapeuta e paciente) no mesmo plano, como se fossem sustentados com as mãos no instrumento. A intensidade dos olhares alcança a continuidade da improvisação (PONTY, 1999, p. 374), e dão uma nitidez aos movimentos do tocar, como se não fosse preciso nenhuma ordem verbal ou gesto para saber como e quando fazer.



Figura 4.
Imagem cedida e autorizada pela musicoterapeuta Daiane Marques, acervo pessoal.

C) Olhar no espaço – é um olhar atento, que caminha pelo ambiente, alcançando uma “qualidade além da impressão” (PONTY, 1999, p. 64), isto é, que se introduz nos objetos e os apreende como um todo³². Esse olhar responde, assim, às solicitações deste espaço, num movimento de fixação e exploração da paisagem. Pode conduzir também a um olhar subjetivo, visto que essa atenção é uma atitude livre do paciente, logo, permeada por questões pessoais (Figura 5).



Figura 5.
Imagem cedida e autorizada pela musicoterapeuta Helena Peters, acervo pessoal.

Nessa imagem (Figura 5), nota-se uma exploração do espaço por algumas pessoas. Todos possuem um instrumento musical em mãos, o que sugere uma atenção na escolha, um olhar para o instrumento levando em consideração questões subjetivas. Há um olhar que percorre o espaço e que reflete, transportando os detalhes; e um olhar que faz o paciente se conhecer, que o envolve na sua relação com o instrumento³³.

³² Ibidem, pp. 104-105.

³³ Ibidem, p. 318.

D) Olhar guiado pelo som – é um olhar que investiga o som, observando a fonte sonora em sua particularidade. Um ato de curiosidade envolvido por intensas e abundantes reflexões, deslizada pela subjetividade (PONTY, 1999, p. 212). Esse ato do olhar é puxado pelo som de determinado instrumento ou fonte sonora, não pela sua forma, cor ou tamanho (Figura 6).



Figura 6.
Imagem cedida e autorizada por Prof^{ra} Márcia Souza, acervo pessoal.

Nessa imagem (Figura 6), podemos observar o olhar do paciente totalmente direcionado na abertura do violão, como se pudesse penetrar no instrumento por meio do olhar e habitá-lo. É um olhar que corresponde à solicitação do som produzido pelo instrumento, fixando-se e, assim, desenvolvendo uma exploração dedicada à fonte sonora³⁴.

³⁴ Ibidem, p. 104.

Na imagem abaixo (Figura 7), podemos observar também a existência desse olhar guiado pelo som, pois o paciente está com o seu olhar direcionado na linha das têmporas; apresenta um interesse, curiosidade e atenção (PONTY, 1999, p. 305). Aqui nota-se também o olhar da musicoterapeuta fixo no paciente, atento e respeitoso, numa relação de cuidado; e um olhar amoroso e terno da mãe (refletida no violão), observando.



Figura 7.
Imagem cedida e autorizada por Profª Márcia Souza, acervo pessoal.

Para Ponty (1999, p.374), o olhar é “uma certa potência de alcançar as coisas” e se enuncia também infinito³⁵, de maneira que não podemos afirmar que os olhares apresentados no corpo deste capítulo são os únicos existentes; pois uma vez percebida essa dinâmica, ela se abre sem limites.

Logo, o musicoterapeuta, provido desse olhar de intensas significações, possibilidades e percepções, alcança o não-limite do que abarca seus movimentos. Podemos dizer que se torna intérprete de uma proposta sensível que é a relação paciente-musicoterapeuta, num caminho onde se encontram suas sonoridades, dialogando com o olhar.

³⁵ Ibidem, p. 14.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para desenvolver um estudo sobre o olhar como uma abertura da visualidade na musicoterapia, foi fundamental a compreensão, em primeiro momento, da dinâmica do ver e do olhar.

Os olhos, enquanto visão, apresentam um campo visual de estanque, recebendo informações sem levantar uma discussão. Não se aprofundam no objeto, mas acumulam dados, oferecendo ao sujeito uma concepção automática, generalizada e involuntária.

A visão é “limitada e de alcance circunscrito” (CARDOSO, 1988, p. 349), isto é, se apresenta como um caminho para o conhecimento puramente objetivo. Já o olhar é envolto pela subjetividade, e, ao contrário da visão, evoca uma intenção do sujeito, que procura e interroga sobre aquilo que vê, manifestando curiosidade, entrando no objeto, apreendendo-o (PONTY, 1999. pp. 104-105).

O entendimento deste contexto se fez necessário para incluir o olhar na percepção do musicoterapeuta, que não se apropria totalmente desse aspecto, apesar de ter um caráter perceptivo múltiplo e também muito denso.

A maior dificuldade deste estudo foi a elaboração de um caminho que chegasse até essa natureza do olhar. As imagens apresentadas auxiliaram a exemplificar e ilustrar, mesmo que de forma resumida, os olhares que subsistem nessa percepção, na dinâmica da prática clínica.

Não foram encontrados materiais de pesquisa que discutissem exatamente ou de maneira aproximada, sobre esse fator na área da musicoterapia. Sugerimos, portanto, um estudo mais aprofundado desse olhar, buscando conhecê-lo e observá-lo na prática clínica e registrando por meio de fotos.

Podemos considerar, com esse estudo, o olhar enquanto potência de leitura no atendimento clínico, bem como uma força que se mostra em aberturas inesgotáveis, inserindo, sobre mais um aspecto, a visualidade na musicoterapia.

5 REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **A arte de ver**. Disponível em: <<http://www.rubemalves.com.br/aartedeever.htm>>
Acesso em: 15 nov. 2012.
- AMATUZZI, Mauro Martins. **A subjetividade e sua pesquisa**. In: Memorandum 10. Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP: 2006.
- BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. **A música como metáfora em musicoterapia**. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- BARBOSA, Maria Flavia Silveira. **Percepção musical como compreensão da obra musical**: contribuições a partir da perspectiva histórico-cultural. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- BASTOS, Deise. **Uma reflexão sobre a intersensorialidade em Musicoterapia**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Musicoterapia)-Faculdade Paulista de Artes, São Paulo, 2005.
- BIANCHETTI, Lucídio. **Um olhar sobre a diferença**. As múltiplas maneiras de olhar e ser olhado e suas decorrências. In: Revista Brasileira de Educação Especial, v.8, n.1, 2002.
- BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, Adauto. (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. pp.65-87.
- BRUSCIA, Kenneth. **Definindo Musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000. pp.24-25.
- CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto. (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. pp. 347-365.
- CARRER, Luiz Rogerio Jorgensen. **Musicoterapia (()) Vibroacústica. Um movimento transdisciplinar promovendo qualidade de vida**: um estudo de caso. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Musicoterapia)-Faculdade Paulista de Artes, São Paulo, 2007.
- CHAUI, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto. (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. pp.31-63.
- COELHO, Ana Carolina Sampaio. **José Saramago e Evgen Bavar**: os paradoxos do olhar. Dissertação (Pós-Graduação em Letras)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006a.
- COELHO, Lilian Monaro Engelmann. **Escuta e Análise Musicoterapêutica**. In: XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia. VI Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia. II Encontro Nacional de Docência em Musicoterapia. Goiânia: 2006b.

DENTZ, René Armand. **Corporeidade e subjetividade em Merleau-Ponty**. Porto Alegre: INTUITIO, 2008. vol. 1, n. 2. pp. 296 – 307.

JANELA da alma: documentário. Direção: João Jardim e Walter Carvalho. Roteiro: João Jardim. Direção de Fotografia: Walter Carvalho. Montagem: Karen Harley e João Jardim. Distribuição: Copacabana Filmes, 2001. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=56Lsyci_gwg> Acesso em: 07 jun. 2012. (73 min), son., color., leg.

LIMA, Iara Maria Campelo. **A singularidade do olhar**. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rfaced/article/view/2707/1917>> Acesso em: 16 nov. 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. [tradução José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira]. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. **Fenomenologia da Percepção**. [tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura]. – 2ªed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999. – (Tópicos)

MÜLLER, Marcos José. **Merleau-Ponty: acerca da expressão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Pensar é estar doente dos olhos. In: NOVAES, Adauto. (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. pp. 327-346.

PIAZZETTA, Clara Márcia. **Música em Musicoterapia: estudos e reflexões na construção do corpo teórico da Musicoterapia**. In: Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia. Curitiba, v.1, p.1-141, 2010.

_____. **A escuta musical na musicoterapia e o pensamento complexo: desafios no preparo profissional**. (s/d) Disponível em: <<http://biblioteca-da-musicoterapia.com/biblioteca/arquivos/artigo/Clara%20P%20A%20ESCUTA%20MUSICAL%20NA%20MUSICOT%20III%20Congresso%20Transdisciplinaridade%5b1%5d.pdf>>

Acesso em: 18 nov. 2012.

PIAZZETTA, Clara Márcia. QUEIROZ, Gregório Pereira de. **Reflexões sobre a escuta musical em trabalhos clínicos e na construção teórica da Musicoterapia**. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia. Rio de Janeiro: 2008.

PIAZZETTA, Clara Márcia. CRAVEIRO DE SÁ, Leomara. **Escuta musicoterápica: uma construção contemporânea**. In: Anais do XV Congresso da ANPPOM – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música. Rio de Janeiro: 2005.

_____. **Musicalidade Clínica em Musicoterapia: um estudo transdisciplinar sobre a constituição do musicoterapeuta como um ‘ser musical-clínico’**. In:

XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia. VI Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia. II Encontro Nacional de Docência em Musicoterapia. Goiânia: 2006.

SANTOS, Carolina Ferreira. **O potencial do setting musicoterapêutico:** imagens sonoras.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Musicoterapia)-Faculdade Paulista de Artes, São Paulo, 2011.

TIBURI, Márcia. **Aprender a pensar é descobrir o olhar.** Disponível em: <<http://www.marciatiburi.com.br/textos/aprender.htm>>. Acesso em: 8 nov. 2012.

TOCANTINS, Renato. **Musicalidade Clínica.** Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/cos/clm/forum/renato.htm>>

ANEXO I



CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA

Eu, Fabiane Mayumi Shimoze, aluna regularmente matriculada no curso de Graduação em Musicoterapia da Faculdade Paulista de Artes, estou desenvolvendo um trabalho de conclusão de curso, sob orientação da Prof^a. Silvia Cristina Rosas e co-orientação da Prof^a. Ms. Lílían Monaro Engelmann Coelho.

Pelo presente instrumento, venho informá-lo que o referido trabalho tem a intenção de apresentar a visualidade no contexto da musicoterapia. Serão utilizadas fotos de atendimentos musicoterapêuticos a fim de ilustrar o tema.

As imagens serão usadas no capítulo “Visualidade na musicoterapia” para conceituar e exemplificar como o olhar se apresenta no setting musicoterapêutico.

Contato: Prof^a Lílían Monaro Engelmann Coelho, telefone – 9 84486333

São Paulo, de de 2012 .

Fabiane Mayumi Shimoze

Prof^a. Lílían Monaro Engelmann Coelho

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o(a) senhor(a) _____, após leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DA PESQUISA, ciente das formas como serão utilizadas as imagens, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

São Paulo, de de 2012.

Assinatura do sujeito de pesquisa.

Termo de Autorização

Autorizo, para fins de estudos acadêmicos desenvolvidos na Faculdade Paulista de Artes, na disciplina de Orientação Monográfica sob a orientação das professoras Silvia Cristina Rosas e Lilian Monaro Engelmann Coelho, a utilização das fotos nesta pesquisa monográfica.
